

A VIÚVA E O PAPAGAIO

VIRGINIA WOLF

Texto Editores

VIRGINIA WOOLF

A VIÚVA E O PAPAGAIO

METAS CURRICULARES DE PORTUGUÊS



LEITURA
RECOMENDADA
5.º ANO


Texto

Há cerca de cinquenta anos, a Sr.^a Gage, viúva idosa, estava sentada na sua casinha numa aldeia chamada Spilsby, no condado de Yorkshire. Embora fosse manca, e bastante míope, fazia os possíveis por remendar um par de tamancos, pois dispunha de poucos xelins por semana para o seu sustento. Estava ela a martelar num tamanco, quando o carteiro abriu a porta e lhe atirou uma carta para o colo.

No remetente dizia: «Stagg & Beetle, Sociedade de Advogados, 67 High Street, Lewes, Sussex.»

A Sr.^a Gage abriu a carta e leu: «Prezada Senhora, temos a honra de a informar do falecimento do seu irmão, o Sr. Joseph Brand.»

– Valha-me Deus! – disse a Sr.^a Gage. – O mano velho Joseph morreu finalmente!

«Legou toda a propriedade à irmã», continuava a carta, «a qual consiste em: uma casa de habitação, um estábulo, estufas, calandras, carrinhos de mão, etc., etc., na aldeia de Rodmell, perto de Lewes. Do mesmo modo, deixou-lhe toda a fortuna, no montante de £ 3000 (três mil libras esterlinas).»

A Sr.^a Gage quase caía na lareira, de tanta alegria. Não via o irmão há muitos anos – ele nem sequer acusava a receção do postal que ela lhe enviava todos os anos pelo Natal –, por isso, a Sr.^a Gage pensava que os seus hábitos avaros, que ela tão bem conhecia desde a meninice, o impediam de gastar até o selo para a resposta. Ora, fora tudo em proveito dela. Com três mil libras, já para não falar na casa e nos etc., etc., ela e a família poderiam viver para sempre com grande luxo.

A Sr.^a Gage decidiu que teria de ir a Rodmell de imediato. O pároco da aldeia, o Reverendo Samuel Tallboys, emprestou-lhe duas

libras e dez para pagar o bilhete; no dia seguinte, os preparativos da viagem ficaram concluídos. O mais importante era deixar o cão, *Shag*, ao cuidado de alguém, pois, apesar da pobreza, a Sr.^a Gage gostava muito de animais e preferia passar necessidades a faltar com um osso para o cão.

Chegou a Lewes na terça-feira, já tarde. Naquele tempo, devo dizer, não existia ponte sobre o rio que passava em Southease, e ainda não tinha sido aberta a estrada para Newhaven. Para se chegar a Rodmell, era preciso atravessar o rio Ouse a vau, cujos vestígios ainda existem, mas isso só era possível na maré baixa, quando as pedras espalhadas pelo leito do rio apareciam à tona de água.

O lavrador Stacey dirigia-se a Rodmell de carroça e ofereceu-se amavelmente para levar a Sr.^a Gage. Chegaram a Rodmell cerca das nove horas de uma noite de novembro, e o lavrador indicou simpaticamente à Sr.^a Gage a casa no extremo da aldeia que o irmão lhe havia deixado.

A Sr.^a Gage bateu à porta. Não houve resposta. Tornou a bater. Uma voz muito estranha e esganiçada bradou: «Não 'tá casa!» A Sr.^a Gage ficou tão transtornada que, se não tivesse ouvido passos, teria abalado a fugir. Todavia, a porta foi aberta por uma velhota da aldeia, de seu nome Sr.^a Ford.

– Quem é que guinchou «Não 'tá casa»? – perguntou a Sr.^a Gage.

– O malvado pássaro – respondeu a Sr.^a Ford, muito rabugenta, apontando para um grande papagaio cinzento. – Dá-me cabo da cabeça com tanto guincho. Fica ali o dia todo, empoleirado que nem um monumento, a guinchar «Não 'tá casa», a quem quer que se lhe chegue.

A Sr.^a Gage viu que era um pássaro muito formoso, mas tinha as penas em grande desmazelo.

– Talvez esteja triste, ou se calhar tem fome – disse ela, mas a Sr.^a Ford disse que era apenas mau feitio; tinha pertencido a um marujo e aprendera a língua dele no leste. Contudo, acrescentou ela, o Sr. Joseph afeiçoara-se ao papagaio e dera-lhe o nome de *James*; dizia-se que conversava

com ele como se fosse uma criatura racional. A Sr.^a Ford não tardou a sair. A Sr.^a Gage foi logo buscar açúcar à bagagem que levara consigo e deu-o ao papagaio, dizendo-lhe numa voz bondosa que não queria fazer-lhe mal, que era irmã do antigo dono, que viera tomar posse da casa e que cuidaria que ele fosse o pássaro mais feliz do mundo.

Pegou numa lamparina e deu a volta a casa, para ver que tipo de propriedade o irmão lhe deixara. Foi uma amarga desilusão. Os tapetes estavam todos esburacados. Os estofos das cadeiras, todos afundados. As ratazanas corriam pelo lambrim da lareira. Enormes cogumelos venenosos irrompiam do chão da cozinha. Não havia uma única peça de mobília que valesse alguma coisa; só a ideia das três mil libras guardadinhas no banco de Lewes conseguia animar a Sr.^a Gage.

Decidiu ir a Lewes no dia seguinte, para ir buscar o dinheiro aos advogados Stagg & Beetle e depois voltar para casa o mais depressa possível.

O lavrador Stacey ia à feira com uns belos porcos de Berkshire e oferecera-se novamente para a levar; pelo caminho contou-lhe histórias macabras de moços que se haviam afogado a tentar passar o rio na maré alta. À chegada ao escritório do Sr. Stagg, uma grande desilusão estava reservada para a pobre velhota.

– Queira sentar-se, minha senhora – disse ele, com um ar muito solene e ligeiramente resmungão.

– O que acontece é que – continuou ele – terá de se preparar para notícias muito desagradáveis. Depois de lhe escrever, examinei atentamente os papéis do Sr. Brand. Lamento dizer que não encontro vestígio algum das três mil libras. O meu sócio, o senhor Beetle, dirigiu-se a Rodmell e revistou a propriedade com o maior cuidado. Não encontrou absolutamente nada: nem ouro, nem prata, nem valores de espécie alguma, salvo um belo papagaio que a conselho a vender pela quantia que lhe quiserem pagar. O linguajar dele, contou-me Benjamin Beetle, é deveras radical, mas isso agora

pouco interesse tem. Reccio que a senhora tenha feito esta viagem para nada. A propriedade está em ruínas; e claro que as nossas despesas foram consideráveis.

O Sr. Stagg calou-se e a Sr.^a Gage percebeu que ele desejava que ela se fosse embora. Sentia-se enlouquecer de desilusão. Como se não bastasse ter pedido emprestadas dez libras ao Reverendo Samuel Tallboys, ainda ia regressar a casa de mãos a abanar, pois teria de vender o papagaio *James* a fim de pagar o bilhete. Chovia a cântaros, mas o Sr. Stagg não insistiu para que ela ficasse, e ela estava transtornada a ponto de não se importar. Apesar da chuva, a Sr.^a Gage saiu e foi a pé até Rodmell, atravessando os prados.

A Sr.^a Gage, como já disse, coxeava da perna direita. Na melhor das hipóteses, caminhava devagar, e agora, com a desilusão e o vazio no banco, avançava muito lentamente. À medida que se arrastava, o dia ia ficando cada vez mais escuro, até ela não conseguir mais do que manter-se no trilho elevado ao longo do rio.

É possível que a tenham ouvido resmungar pelo caminho, queixar-se do malandro do irmão Joseph, que a metera naquele sarilho.

– De propósito – disse ela – para me atormentar! Ele já era mau quando éramos pequenos – continuou. – Gostava de atazanar os coitados dos insetos, e uma vez vi-o cortar uma lagarta peluda com uma tesoura com os meus próprios olhos. E também era um traste sovina. Guardava a mesada numa árvore e, se alguém lhe desse um pedaço de bolo coberto para o lanche, ele tirava a cobertura de açúcar e guardava-a para o jantar. Não tenho dúvida alguma de que ele esteja a arder no inferno neste momento, mas de que é que isso me serve? – perguntava ela, e realmente de nada lhe servia, pois acabou por embater numa enorme vaca que vinha pela margem fora, caindo e rebolando na lama.

A Sr.^a Gage levantou-se e sacudiu-se o melhor que pôde, e continuou a arrastar-se. Parecia-lhe estar a andar há horas. Já estava escuro como breu e ela já não via nada à frente

do nariz. De súbito, lembrou-se do que o lavrador Stacey dissera acerca de passar o rio a vau.

– Valha-me Deus! – disse ela. – Como é que vou dar com o caminho de volta? Se houver maré cheia, hei de perder o pé e ser levada para o mar num instantinho! Já muitos casais se afogaram aqui, para não falar de cavalos, carroças, manadas inteiras e fardos de palha.

De facto, com a escuridão e a lama, a Sr.^a Gage metera-se num belo sarilho. Se mal via o rio propriamente dito, muito menos sabia dizer se chegara ao vau ou não. Não se viam luzes em parte alguma, pois, como bem sabem, não há casas desse lado do rio antes de chegar a Asheham House, a residência do Sr. Leonard Woolf. Parecia que não havia nada a fazer senão sentar-se e esperar que amanhecesse. Porém, com a sua idade, e o reumatismo no corpo, a Sr.^a Gage ainda morreria de frio. Por outro lado, se tentasse atravessar o rio, era quase certo morrer afogada. Sentia-se tão desgraçada, que alegremente trocava de lugar

com uma das vacas que pastavam no campo. Não haveria velha mais desgraçada em todo o condado de Sussex; ali, de pé na margem do rio, sem saber se havia de sentar-se ou de nadar, ou simplesmente espojar-se na erva, por mais molhada que estivesse, ou dormir e morrer congelada, conforme o destino decidisse.

Nesse momento, aconteceu uma coisa maravilhosa. Uma luz enorme surgiu no céu, como um archote gigantesco, alumando cada folha de erva e mostrando-lhe que o vau ficava a menos de vinte metros de distância. Estava maré baixa, e a travessia seria fácil, se a luz não se apagasse antes de ela chegar ao outro lado.

– Deve ser um cometa, ou qualquer outra monstruosidade maravilhosa – disse ela, começando a coxear. À sua frente, avistava a aldeia de Rodmell toda iluminada.

– Deus seja louvado! – exclamou ela. – Está uma casa a arder, graças a Deus!

A Sr.^a Gage calculou que demoraria pelo menos alguns minutos para a casa arder por

inteiro e, nessa altura, já ela estaria a caminho da aldeia.

– Está um vento agreste que não traz nada de bom a ninguém – disse ela, a coxear pela estrada empedrada fora. Era certo que se via bem o caminho, e ela já quase chegara à rua direita da aldeia quando lhe ocorreu: – Se calhar, aquele braseiro que ali vejo é a minha própria casa!

E tinha toda a razão.

Apareceu um rapazinho de camisa de dormir, que gritou:

– Venham ver a casa do velho Joseph Brand a arder!

Os aldeões estavam todos em círculo à roda da casa, a passarem baldes de água que enchiam no poço da cozinha de Monks House e que lançavam às chamas. Mas o fogo pegara bem e, no preciso instante em que chegou a Sr.^a Gage, o telhado abateu.

– Alguém salvou o papagaio? – bradou ela.

– Dê graças por não estar a senhora lá dentro – disse o Reverendo James Hawkesford, o

pároco da aldeia. – Não se rale com criaturas tolas. Não tenho dúvidas de que o papagaio tenha misericordiosamente morrido sufocado no poleiro.

Mas a Sr.^a Gage estava decidida a ver com os seus próprios olhos. Os aldeões tiveram de a segurar, comentando que só podia estar louca, para arriscar a vida por um pássaro.

– Coitada da velhota – disse a Sr.^a Ford. – Perdeu tudo o que tinha, salvo uma mala de madeira com a muda de roupa que trouxe. No seu lugar também estaríamos loucos.

Dito isto, a Sr.^a Ford levou a Sr.^a Gage pela mão até à sua casa, onde iria passar a noite. Com o fogo já extinto, toda a gente foi para casa deitar-se.

Mas a pobre Sr.^a Gage não conseguia dormir. Dava voltas na cama a matutar na situação miserável em que se encontrava, a pensar como é que voltaria a Yorkshire e pagaria ao Reverendo Samuel Tallboys o que lhe devia. Ao mesmo tempo, sentia-se ainda mais pesada pela sina do coitado do papagaio *James*.

Afeiçoara-se ao pássaro e achara que ele tinha bom coração, por chorar daquela maneira a morte do velho Joseph Brand, que nunca tivera um gesto bondoso para criatura humana alguma. Que morte pavorosa para um pássaro inocente, pensava ela. Se ao menos tivesse chegado a tempo, teria arriscado a própria vida para salvar a dele.

Estava deitada na cama com estes pensamentos quando ouviu bater ao de leve na janela. A batida repetiu-se por três vezes. A Sr.^a Gage saiu da cama o mais depressa que pôde e foi à janela. Para sua grande surpresa, no parapeito da janela estava um enorme papagaio. Parara de chover e estava uma bela noite de luar. A princípio, a Sr.^a Gage ficou assustada, mas logo reconheceu o papagaio cinzento, *James*, e sentiu grande alegria por ele ter escapado. Abriu a janela, afagou-lhe a cabeça várias vezes e disse-lhe que entrasse. O papagaio reagiu abanando ligeiramente a cabeça de um lado para o outro, depois voou até ao chão, deu uns passinhos, olhou para trás como que a ver se

a Sr.^a Gage o acompanhava, e depois voltou ao parapeito da janela, onde ela permanecia, abismada.

– A criatura tem mais nexo no que faz do que os humanos pensam – disse ela de si para consigo. – Muito bem, *James* – continuou em voz alta, falando com ele como se fosse uma pessoa. – Vou acreditar em ti. Espera só um momento, para nie compor.

Dito isto, a Sr.^a Gage vestiu um avental grande, desceu a escada com o mínimo de ruído e saiu sem acordar a Sr.^a Ford.

O papagaio *James* estava claramente satisfeito. Saltitava uns metros à frente dela na direção da casa queimada. A Sr.^a Gage seguia-o o mais depressa que podia. O papagaio saltitou, como se conhecesse perfeitamente o caminho, até às traseiras da casa, onde estivera originalmente a cozinha. Já nada restava além do chão de tijoleira, ainda cheio de água que tinha sido usada para apagar o incêndio. A Sr.^a Gage ficou queda de espanto enquanto *James* saltitava de um lado para o outro, dando bicadas aqui e

ali, como se estivesse a testar os tijolos com o bico. Era uma visão insólita e, se a Sr.^a Gage não estivesse habituada a conviver com animais, teria ficado de cabeça perdida, e certamente teria abalado dali para fora a coxear. Porém, ainda havia coisas mais estranhas para acontecer. O papagaio não dissera palavra este tempo todo. De súbito, ficou num estado de grande excitação, a adejar as asas, a bater no chão repetidamente com o bico e a guinchar desalmadamente «Não 'tá casa! Não 'tá casa!». De tal modo que a Sr.^a Gage receou que ele acordasse a aldeia em peso.

– Não te ponhas assim, *James*, que ainda te aleijas – disse ela em voz tranquilizadora, mas o papagaio continuava a atacar os tijolos com mais violência do que nunca.

– Mas o que quererá dizer isto? – indagou a Sr.^a Gage, olhando atentamente para o chão da cozinha. O luar era tal, que ela lobrigou uma ligeira irregularidade no assentamento dos tijolos, como se tivessem sido levantados e depois não os tivessem alinhado com os

outros. Ela prendera o avental com um alfinete-de-ama e agora metia-o entre os tijolos e via que estavam soltos. Não tardou a tirar um com as duas mãos. Assim que o fez, o papagaio saltou para o tijolo ao lado, bateu nele com o bico e guinchou: «Não 'tá casa!» A Sr.^a Gage entendeu que ele lhe pedia para deslocar o tijolo. Assim, continuaram a tirar tijolos à luz do luar até deixarem a descoberto um espaço com cerca de dois metros por metro e meio, que o papagaio parecia achar suficiente. O que fazer a seguir?

A Sr.^a Gage parara para descansar e decidira orientar-se inteiramente pelo comportamento do papagaio *James*. Não lhe foi permitido grande descanso. Depois de escarafunchar os alicerces arenosos durante uns minutos, qual galinha a esgaravatar areia com as garras, desenterrou o que a princípio parecia ser um bocado redondo de pedra amarelada. Ficara tão excitado, que a Sr.^a Gage o foi ajudar. Para seu assombro, viu que o espaço que haviam destapado estava repleto de rolos de pedras

amarelas redondas, tão bem assentes que era muito trabalhoso deslocá-las. Mas o que poderiam ser? E por que motivo ali tinham sido escondidas? Só depois de retirarem toda a camada de cima, e depois o pedaço de oleado que se interpunha, é que depararam com uma visão milagrosa: todos encarreirados, ricamente polidos e a cintilarem ao luar, estavam milhares de soberanos novinhos em folha!

Era então aquele o esconderijo do avarento; com duas precauções extraordinárias, ele assegurara-se de que ninguém o encontraria. Em primeiro lugar, como mais tarde se comprovou, construía a cozinha por cima do local onde escondera o tesouro, de modo a que, não fora a destruição do fogo, ninguém daria pela sua existência; segundo, cobrira a camada superior de soberanos com uma substância pegajosa, depois enrolara-os na terra de modo a que, se porventura algum deles fosse exposto, nunca ninguém desconfiaria que fosse mais do que um seixo como aqueles que se veem nos jardins. Por conseguinte, foi apenas pela

extraordinária coincidência do fogo e da sagacidade do papagaio que a manha do velho Joseph fora derrotada.

A Sr.^a Gage e o papagaio afadigavam-se agora para tirar dali todo o espólio – que perfazia três mil moedas, nem mais, nem menos – colocando-o sobre o avental estendido que tinham no chão. Quando a três milésima moeda foi colocada no topo da pilha, o papagaio lançou-se no ar, triunfante, e pousou com toda a leveza no cocuruto da cabeça da Sr.^a Gage. Foi nestes preparos que regressaram à casa da Sr.^a Ford, a passo muito lento, pois a Sr.^a Gage era manca, como já referi, e ia agora carregadinha com o recheio do avental. Todavia, conseguiu chegar ao quarto sem que ninguém desse conta da sua visita à casa queimada.

No dia seguinte, voltou a Yorkshire. O lavrador Stacey levou-a de novo a Lewes e ficou muito admirado com o peso súbito da mala de madeira da Sr.^a Gage. Porém, era um homem reservado, e concluiu apenas que a boa gente

de Rodmell tinha dado à Sr.^a Gage qualquer coisa em jeito de consolo por ter perdido tudo no incêndio. Por ter bom coração, o lavrador Stacey ofereceu-se para lhe comprar o papagaio por meia coroa; mas a Sr.^a Gage recusou com grande indignação, respondendo que nem por todas as riquezas das Índias venderia o pássaro, e o lavrador ficou a pensar que a velhota ficara transtornada pela adversidade.

Resta-nos apenas dizer que a Sr.^a Gage regressou sã e salva a Spilsby; levou a sua mala preta ao banco e viveu com o papagaio *James* e o cão *Shag* em grande conforto e felicidade até atingir propecta idade.

Só no leito de morte contou ao pároco (filho do Reverendo Samuel Tallboys) a história toda, acrescentando que estava bastante certa de que o papagaio *James* pegara fogo à casa de propósito: ao ter noção do perigo que ela corria na margem do rio, voara até à copa e remexera no fogão a óleo, onde ela mantinha uns restos mornos para o seu jantar. Com esse ato, salvara-a não só de morrer afogada, mas também

desenterrara as três mil libras, que de outra maneira não teriam sido encontradas.

É esta – disse ela – a recompensa pela bondade que mostramos aos animais.

O pároco achou que ela estava delirante. Porém, é certo que, no mesmíssimo momento em que ela soltava o último suspiro, o papagaio *James* guinchou «Não 'tá casa! Não 'tá casa!», e caiu do poleiro, morto. O cão *Shag* morrera uns anos antes.

Quem visitar Rodmell, ainda pode ver as ruínas da casa, consumida pelas chamas há já cinquenta anos, e costuma-se dizer que, se lá formos numa noite de luar, consegue-se ouvir um papagaio a bater com o bico no chão de tijoleira, e há quem já tenha visto uma velhota lá sentada, com um avental branco vestido.

Adeline Virginia Stephen nasceu em Londres, a 25 de janeiro de 1882. O pai, Leslie Stephen (1832-1904) era um homem das Letras, oriundo de uma família distinguida pelo serviço público (que fazia parte da «aristocracia intelectual» da Inglaterra vitoriana). A mãe, Julia (1846-1895), de quem Virginia herdou parecenças físicas, era filha e sobrinha das seis belas irmãs Pattle (Julia Margaret Cameron era a sétima: não sendo bela, é a única recordada até hoje).

Virginia passava longas férias de verão na Talland House, em St Ives, na Cornualha, local que desempenhou um importante papel na

imaginação de Virginia. Foi St Ives o cenário do seu romance *Rumo ao Farol*, apesar de ostensivamente se afirmar que se desenrola na Ilha de Skye. Foram Londres e/ou St Ives que serviram de pano de fundo à maioria dos seus romances.

Em 1895, a mãe morreu de modo inesperado e Virginia sofreu o seu primeiro esgotamento nervoso. A sua meia-irmã Stella assumiu a gestão da casa de família, ao mesmo tempo que lidava com as exigências de compaixão e apoio emocional de Leslie. Stella casou-se com Jack Hills em 1897, mas também ela morreu repentinamente, depois de regressar de lua de mel. O fardo da gestão da casa caiu então sobre Vanessa.

Virginia tinha acesso ilimitado à extensa biblioteca do pai, e desde tenra idade se decidira a ser escritora. Teve uma educação superficial e nunca frequentou a escola. Vanessa estudava para ser pintora. Os dois irmãos foram

para escolas públicas e depois para Cambridge. Foi aí que Thoby fez amizade com Leonard Woolf, Clive Bell, Saxon Sydney-Turner, Lytton Strachey e Maynard Keynes. Era este o núcleo do Grupo de Bloomsbury.

Depois da morte de Leslie Stephen, em 1904, Virginia teve um segundo esgotamento. No final desse ano, começou a escrever críticas para um jornal clerical chamado *The Guardian*; em 1905, começou a publicar críticas no *Times Literary Supplement*, jornal para o qual continuou a escrever durante muitos anos.

Em 1908, Virginia começou o seu primeiro romance, *A Viagem*, que terminou em 1913, mas, devido a mais um esgotamento nervoso grave depois do seu casamento, o romance – bastante convencional em termos de forma – só foi publicado em 1915. Começou então a escrever o segundo romance, *Noite e Dia* – ainda mais convencional do que o anterior –, que foi publicado em 1919.

Em 1917, os Woolfs haviam adquirido uma pequena prensa manual, para que Virginia pudesse usar a impressão como passatempo e terapia. Por essa altura, viviam em Richmond (Surrey), e a Hogarth Press recebeu o nome da casa da família. Virginia escreveu, imprimiu e publicou dois contos experimentalistas: *A Marca na Parede* e *Kew Gardens*. Os Woolfs continuaram a imprimir manualmente até 1932, mas foram-se tornando cada vez mais editores do que impressores. Por volta de 1922, a Hogarth Press transformara-se num negócio. A partir de 1921, Virginia passou a publicar sempre pela Press, salvo um pequeno número de edições limitadas.

Foi em 1921 que surgiu a primeira coleção de contos de Virginia, *Segunda ou Terça-Feira*, em que a maioria dos textos tinha uma natureza experimentalista. Em 1922, apareceu o seu primeiro romance experimentalista, *O Quarto de Jacob*. Em 1925, foi publicado *Mrs. Dalloway*, seguido de *Rumo ao Farol*, em 1927, e *As Ondas*,

em 1931. É comum considerar-se estes três romances como os principais responsáveis pela fama que conquistou enquanto escritora modernista. O seu envolvimento com o poeta e romancista aristocrático Vita Sackville-West conduziu a *Orlando* (1928), um *roman à clef* inspirado pela vida e os antepassados de Vita em Knole in Kent. Em 1928, duas palestras em faculdades femininas em Cambridge levaram a *Um Quarto Só Para Si* (1929), um debate acerca da escrita feminina e dos seus alicerces histórico-económicos e sociais.

Virginia Woolf morreu a 28 de março de 1941, com 59 anos, depois de mais um esgotamento nervoso a ter levado ao suicídio.